

Ruínas de Hin Khot, cidadela habitada do século 13 até 1970



Hin Khot, a “Machu Picchu” armênia

Uma cidadela construída na encosta da montanha, com um pico nevado ao fundo e um riacho abaixo. Não à toa, Hin Khot ganhou o apelido de “Machu Picchu da Armênia”. A diferença é que as ruínas de Hin Khot seguem praticamente intocáveis. Caminhar pelo mato, entre as casas de pedra, requer atenção: serpentes, vez ou outra, podem ser vistas no local. O povoado teria sido habitado por volta de 1205, quando um conde presenteou o território para o monastério de Tatev, 20km ao sul.

Famílias permaneceram no local até a década de 1970, e várias gerações compartilhavam uma mesma moradia. No primeiro andar das casas, em estúbulos, os habitantes

mantinham seus animais presos. Assim como em Khndzoresk, algumas residências foram esculpidas na própria rocha da montanha, o que fazia com que o telhado de uma casa servisse de varanda para a casa seguinte.

Apesar de remontar ao século 13, existem indícios de que o vilarejo de Hin Khot possa ter sido habitado bem antes. As ruínas de uma igreja datam do século 5. Na área do povoado

foram encontrados artefatos de 2 mil anos antes de Cristo. Chegar à cidadela é uma aventura e uma volta no tempo. Por uma estrada cheia de cascalhos e à beira do precipício, a descida até Hin Khot envolve uma caminhada de quase uma hora. Próximo ao início da jornada, o turista pode apreciar uma parada de ônibus da era soviética, com arquitetura diferenciada e inusitada.

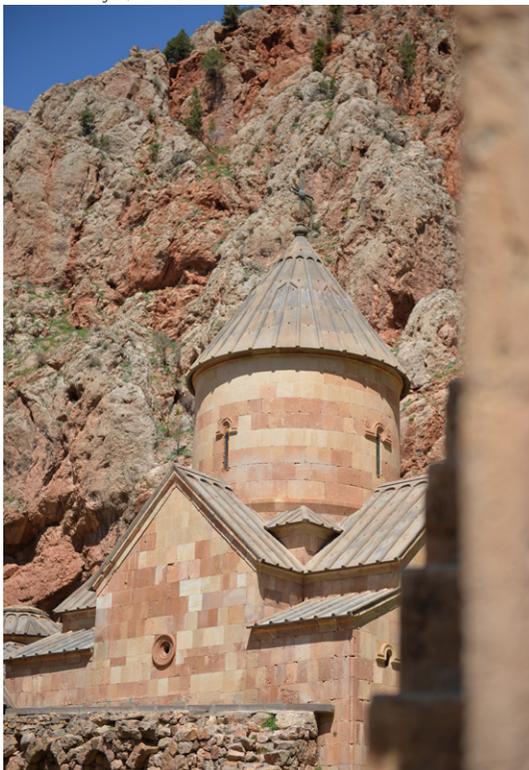
Noravank, a morada eterna

As duas igrejas — de São Estevão, do século 13, e da Santa Virgem, do século 14 — parecem ter sido feitas sob encomenda para o cenário de tirar o fôlego. Montanhas e falésias de cor marrom clara conferem um aspecto harmônico aos templos, quase da mesma tonalidade. Uma terceira igreja, do século 9, teria sido completamente destruída durante um terremoto. O mosteiro de Noravank (Novo Monastério), situado na região de Areni, 117km ao sul de Yerevan, é um convite a belas fotografias e a um mergulho na religiosidade e na história.

Dois arquitetos principais trabalharam na construção do complexo: Siranes e o monge Momik, que morreu em 1333. Siranes tinha tanta influência à época que os representantes da família de nobres Orbelyan lhe presentearam com um palácio e com serviçais. Momik foi o autor da igreja da Santa Virgem, um templo de dois andares. Em seu pórtico, talhada na rocha, está a imagem em alto relevo da Virgem Maria segurando Jesus com as duas mãos, ao lado dos arcanjos Gabriel e Miguel, e a inscrição “A mãe de Deus”. No pórtico do andar superior, aparecem Cristo com os apóstolos Pedro e Paulo.

O primeiro piso servia de mausoléu: ainda hoje, as tumbas de nobres e de religiosos estão espalhadas dentro da construção, e é preciso cuidado para não pisá-las. O segundo piso era o local de cultos e de adoração a Deus, a Igreja propriamente dita. Os cidadãos da época acreditavam que, quando alguém morria, sua alma

Vanush Melkonyan/UGAB Brasil



Mosteiro de Noravank: igrejas dos séculos 9 a 13 e tumbas de nobres

Luz do Sol entra pela janela da igreja da Santa Virgem, em Noravank



subia e visitava a igreja, o que tornava mais fácil o processo da morte. As tumbas ornadas com desenhos de leões guardam os corpos dos nobres.

Noravank e outros mosteiros do sul e do centro da Armênia foram poupados da destruição durante as invasões dos mongóis. Tudo porque os nobres tinham um acordo de não agressão com os invasores: eles pagavam multas aos mongóis em troca da preservação dos templos.

A igreja de São Estevão ainda está em funcionamento, com a celebração de missas todas

as manhãs e casamentos esporádicos. O turista, inclusive, pode orar no local e receber a bênção de um sacerdote armênio. Um terceiro prédio remanescente abrigava a escola, local em que os monges copiavam manuscritos e recebiam educação religiosa. Vale a pena se aventurar na montanha de trás do monastério e subir pela trilha, para ter uma ampla visão do complexo e da paisagem ao redor, além de tirar belas fotos.

O repórter viajou a convite da UGAB Brasil